

José Maria da Cruz Pontes

Mário Santiago de Carvalho ©



Este PDF é distribuído de forma aberta e gratuita.

Como Citar: Carvalho, Mário Santiago de. “José Maria da Cruz Pontes”, PERSONALIA.IEF (2020), 1-19.

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto de Estudos Filosóficos,
U.I.&D.

Com o apoio da FCT

Personalia.IEF
2020

iestudosfilosoficos@gmail.com
personalia.ief@gmail.com

JOSÉ MARIA DA CRUZ PONTES
(1925-2019)

MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO¹

BIOGRAFIA

Professor de filosofia e cultura medieval, tradutor e publicista católico, José Maria da Cruz Pontes nasceu na Póvoa do Varzim em 20 de julho de 1925 e faleceu em Coimbra em 13 de dezembro de 2019. Os seus primeiros estudos filosófico-teológicos foram realizados em Braga, logo seguidos por um curso em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Ao mesmo tempo que lecionava ao nível pré-universitário, e ia completando a sua formação superior, crescia o seu talento de publicista. Cruz Pontes licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas com 17 valores,

1 Endereço eletrónico: carvalhomario07@gmail.com.

na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1956, após o que, durante um ano, no Liceu Camões de Lisboa, exerceu o magistério secundário. Para a preparação da dissertação de licenciatura Cruz Pontes fez investigações em Paris, cidade que também lhe dará material para continuar e aprofundar a sua irresistível paixão de escrever tempestivas notas de intervenção publicadas na imprensa periódica regional e nacional – pensamos designadamente em textos publicados no DIÁRIO POPULAR, NOVIDADES, CORREIO DO MINHO, DIÁRIO DO NORTE, DIÁRIO DE COIMBRA, DIÁRIO DE LUANDA, NOTÍCIAS (de Lourenço Marques), DIÁRIO DE NOTÍCIAS, A CAPITAL, O COMÉRCIO DO PORTO, O PRIMEIRO DE JANEIRO ou o CORREIO DA MANHÃ. Em 1957 Cruz Pontes encontra-se de novo em Coimbra, a convite de Arnaldo de Miranda Barbosa, como assistente da secção de Filosofia, cargo que mantém até ao seu doutoramento. O cartesianismo deste último e a sua sensibilidade para com a herança filosófica e cultural portuguesas conheceu, no discípulo Cruz Pontes, a repercussão de um pendor culturalista, historiográfico e positivista (que já havia sido encarnado

também por Joaquim de Carvalho) que, no caso de Cruz Pontes se estendeu, como veremos, desde as investigações sobre a cultura portuguesa às contribuições para a filosofia europeia. José Maria da Cruz Pontes doutorou-se na Faculdade de Letras de Coimbra, com 19 valores, em 1963, tendo de seguida tomado posse do lugar de professor da secção de Filosofia. Nesta Faculdade irá lecionar ininterruptamente, salvo no período ocupado pela comissão de serviço que prestou nos Estudos Gerais de Lourenço Marques (atual Maputo), e onde dirigiu o Centro de Estudos Humanísticos (1965-67). Para os seus estudos de doutoramento, mas igualmente na publicitação internacional das conclusões do mesmo, puderam contribuir várias bolsas periodicamente concedidas pelo Instituto de Alta Cultura e pela Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1964 José Maria da Cruz Pontes foi agraciado com o “Prémio Ocidente” pelo Secretariado Nacional de Informação (SNS) e em 11 de fevereiro de 1968 recebeu as insígnias doutorais, tendo o elogio do doutorando ficado a cargo do seu colega

Victor de Matos. Ainda no ano de 1968 coube-lhe apresentar na Sala dos Capelos os Professores Giacinto Manuppella e Ruy d’Azevedo. Desde 1964, no entanto, a sua atividade de investigação ia adquirindo contornos internacionais cada vez mais amplos (pensamos na participação com comunicações em colóquios em Milão, Madrid, Bona, Lovaina, Helsínquia, Ottawa, Salamanca, Bérgamo, Roma, Veneza, Atenas, Córdoba-Argentina, Rio de Janeiro, S. Salvador da Bahia e Buenos Aires). Em 1973, o Doutor Cruz Pontes, como sempre apreciou ser tratado e era então tradição na Universidade de Coimbra, é admitido a provas públicas para professor extraordinário da Faculdade de Letras. Em 1979 é definitivamente nomeado Professor Catedrático da mesma Faculdade e Universidade. Jubilado em 20 de Julho de 1995, José Maria da Cruz Pontes recebeu, por essa ocasião, uma homenagem pública literária, mediante a publicação de *Qvodlibetaria* – uma extensa miscelânea de estudos, com mais de seiscentas páginas, publicada no seio da coleção do então “Gabinete de Filosofia Medieval” da Faculdade de Letras

da Universidade do Porto, coordenado pela Prof.^a Maria Cândida Pacheco, filósofa medievalista tal como o Prof. Cruz Pontes. Além de muitas figuras nacionais e colegas, entre os que o homenagearam destacam-se os nomes mais internacionais de estudiosos e professores como (por ordem alfabética) Abelardo Lobato, Albert Zimmermann, Alberto Caturelli, Alfonso Maierù, Alois Huning, Antonino Tine, Armand Maurer, Barbara Faes de Mottoni, Bernardo Carlos Bazán, Carlos Steel, Charles Burnett, Charles Lohr, Christian Trottmann, David E. Luscombe, Evaghélos A. Moutsopoulos, Francisco Bertelloni, Gianfranco Fioravanti, Gilbert Dahan, Goulven Madec, Graziella Federici Vescovini, Guy Beaujouan, Heinrich Schmidinger, Henk Braakhuis, Jacqueline Hamesse, Jan A. Aertsen, Jan P. Beckman, Jean Jolivet, Joaquín Lomba Fuentes, Joël Biard, John Wippel, Joke Spruit, Jorge Ayala Martínez, Jos Decorte, Josep Saranyana, Jürgen Miethke, Klaus Reinhardt, L.M. de Rijk, Ludger Honnefelder, Ludwig Hödl, Mieczystaw Markowski, Raymond Macken, Richard C. Dales, Roland Hissette, Roland J. Teske, Saturnino Alvarez

Turienzo, Stefan Zwierzawski ou Wladyslaw Senko. Se nos demorámos no elenco destes nomes (entre outros mais) foi apenas para deixar patente que José Maria da Cruz Pontes foi decerto o primeiro professor de carreira de filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (excluímos, por isso, os nomes de Eduardo Lourenço e de Vasco Magalhães-Vilhena) cujos contributos mais se repercutiram internacionalmente. MUTATIS MUTANDIS, teríamos de recuar ao século XVI, sempre no campo da filosofia, para encontrarmos repercussão coimbrã internacional afim. Também sob esta perspetiva, poder-se-á reconhecer que o professor Cruz Pontes franqueou uma porta que a secção de Filosofia nunca mais deixou de percorrer, se generalizou à quase totalidade dos seus docentes, e continua a impor-se no exterior. Reparemos tão-só como, tirante o vetor culturalista positivista, assim substituído por um outro vetor assaz vincado na secção de Filosofia da Faculdade de Letras, o da hermenêutica, uma obra como a de João Maria André, para o caso de Nicolau de Cusa, conhece “extra muros” o mesmo grau de repercussão daquela

de Cruz Pontes, para o caso de Pedro Hispano, como adiante diremos. Graças à valia e repercussão dos seus estudos, Cruz Pontes privou ainda com Minio Pallulelo, F. Van Steenberghen (de quem aliás foi tradutor), Suzanne Mansion, Gérard Verbeke, Simone Van Riet e Heinrich M. Schmidinger. José Maria da Cruz Pontes foi casado com Maria Preciosa Cruz Pontes, personalidade agraciada, em 2017, com o título de sócia-honorária da Sociedade Portuguesa de Física-Divisão de Física Médica “pelo seu contributo pioneiro para a Física Médica no IPO de Coimbra, entre 1964 e 1986, onde então se instalou, em 1970, a primeira unidade da Península Ibérica, de braquiterapia com fonte de Co-60”.

DOCÊNCIA DE FILOSOFIA NA FLUC

José Maria da Cruz Pontes estreou-se como docente do que hoje denominamos “Ensino Secundário”. Uma tal atividade, iniciada em Braga,

encerrou-se em Lisboa, como se disse já. De seguida, enquanto Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Cruz Pontes secundou sobretudo o Prof. Miranda Barbosa (foi por este contratado em 1957) e lecionou “História da Filosofia Antiga”, “História da Filosofia Medieval”, “História da Filosofia em Portugal”. Na sequência da Reforma introduzida pelo Decreto nº 41341, publicado naquele mesmo ano (1957), Cruz Pontes passou também a lecionar “História da Cultura Medieval” e “Introdução à Filosofia”. Cabe notar que aquela disciplina era frequentada pelos alunos de todos os cursos da Faculdade de Letras (à exceção dos de Geografia e Filologia Clássica). Após a Reforma de 31 de maio de 1978, à unidade curricular de “Introdução à Filosofia” agregaram-se as quatro horas semanais de docência de “Filosofia Medieval”, tendo José Maria da Cruz Pontes lecionado ambas quase ininterruptamente até à sua jubilação (as breves interrupções dizem respeito aos períodos sabáticos e ao chamado PREC, após Abril de 1974). Ficaram proverbialmente conhecidos os seus “sumários”

nos quais, com elegante ou gongórica caligrafia, registava os conteúdos lecionados e, ao mesmo tempo, a progressiva confeção (a cada ano renovada por novos textos reproduzidos em fotocópia) de uma Antologia de textos patrísticos e medievais. Tendo sido encetada para a unidade curricular de “História da Cultura Medieval” (em 1961 é publicada com 142 páginas e em 1972 contava já com 412), ela passou a ser invariavelmente utilizada na disciplina de “Filosofia Medieval”. Tendo sempre ambicionado ver publicada uma terceira edição, infelizmente nunca a última versão desta Antologia chegou ao prelo, com desgosto do seu autor, conforme várias vezes nos testemunhou. Enquanto tarefa universitária concomitante à docência, conhece-se a participação, muitas vezes com intervenção especializada, do Prof. Cruz Pontes em variadíssimas provas de licenciatura, mestrado e doutoramento nas Universidades de Coimbra, Lisboa, Nova de Lisboa, Porto, Évora, Açores e Universidade Católica Portuguesa. José Maria da Cruz Pontes também lecionou e/ou pronunciou conferências, decerto esporádica e esparsamente, na Universidade de Lovaina

(março de 1983), e no Porto, Braga, Viseu, Lamego, São Pedro do Sul, Ponte de Lima, Póvoa de Varzim, Ponta Delgada e S. Salvador da Bahia. Aliás, além de (e talvez mais ainda do que) professor, José Maria da Cruz Pontes, apreciava a intervenção e o publicismo formativos numa dimensão local, haja em vista, por exemplo, a raríssima característica, em que ele tanto apostou, de autor de mais de (entre 1945 e 1995) cento e trinta e cinco notas, notícias e comentários em jornais locais e nacionais.

BIBLIOGRAFIA

Como é natural, a bibliografia de José Maria da Cruz Pontes ultrapassa a publicação em periódicos de maior ou menor expansão, isto é, a intervenção pontual, quase sempre motivada por assuntos ou temas candentes (do seu país, do mundo, mas também despertados pela sua sensibilidade humana e católica). Enquanto investigador, a sua bibliografia, que conheceu repercussão nacional e internacional, divide-se sobretudo

em duas grandes áreas, a filosofia medieval e a cultura portuguesa, com uma predileção acentuada para as artes (v.g. O PINTOR ANTÓNIO CARNEIRO NO PATRIMÓNIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 1997) e a literatura em particular (e em especial sobre António Corrêa d’Oliveira ou José Régio) – área, esta última, em que, aliás, Cruz Pontes também interveio com originais, mormente no campo poético, na sua quase totalidade inéditos, ao que julgamos saber. Refira-se ainda a sua implicada atividade de tradutor. Além, evidentemente, de tradutor de latim, entre os autores de língua francesa (ou italiana) que mereceram a sua atenção, não se conta só Van Steenberghen, mas também Jean Guitton (1959) e Luigi Sturzo (1960) – estes dois últimos casos, certamente explicados pelo arreigado catolicismo e vincada religiosidade do tradutor. Seja como for, de uma certa maneira pode dizer-se que a interseção entre aquelas duas grandes áreas de investigação, a filosofia medieval e a cultura portuguesa, se assinala nas suas provas académicas mais importantes, publicadas com os títulos: ESTUDO PARA UMA EDIÇÃO CRÍTICA DO LIVRO DA CORTE ENPERIAL (Coimbra, 1957)

e PEDRO HISPANO PORTUGALENSE E AS CONTROVÉRSIAS DOCTRINAIS DO SÉCULO XIII – A ORIGEM DA ALMA (Coimbra, 1964). O autor jubilou-se sem nunca ter concluído o que sabemos ter sido uma sua imorredoura ambição, o estabelecimento definitivo da edição crítica daquela obra apologética portuguesa de autor anónimo. Testemunhámos muitas vezes o seu vincado lamento, particularmente quando viu sair do prelo, aparentemente sem a devida justiça, o trabalho que tanto almejou, mas nunca concluiu; referimo-nos à denominada “edição interpretativa” publicada pela Universidade de Aveiro no ano 2000. Entre 1955 (data em que viu a luz a sua primeira incursão sobre o LIVRO DA CORTE ENPERIAL, na prestigiosa publicação, REVISTA PORTUGUESA DE FILOSOFIA) até 1995 (data da sua última incursão no mesmo tema, destafeita para a Enciclopédia BIBLOS, vol. 1, 1307-10), José Maria da Cruz Pontes não só nunca abandonou o campo da apologética nacional, como sobre esta matéria publicou pequenos (mas importantes) artigos, sempre fazendo o ponto, e escritos com um atormentado rigor, versando Raimundo Llull e o lulismo, a astrologia, as fontes

árabes, o pseudo-Ovídio ou o HORTO DO ESPOSO entre outras micrografias mais. Além de uma patente paixão pela cultura e língua portuguesas (são ainda algo indispensáveis os seus vários pontos sobre “augustinismo”, “tomismo” e “senequismo” em Portugal, além do levantamento de novas personagens, como Afonso Dinis de Portugal), a que acrescentava uma refinada sensibilidade pela língua latina (leia-se a RELAÇÃO DO LATIM COM A FILOSOFIA, 1974), uma formidável erudição e um catolicismo informado (tenha-se presente a atenção aos já citados Jean Guitton ou a Jacques Maritain, tendo mesmo almejado criar, em volta deste último, uma associação em Portugal), Cruz Pontes ganha sobretudo a sua audiência além-fronteiras graças à atenção que dedicou à figura e à obra de Pedro Hispano, o papa português João XXI. Aqui a sua pesquisa foi pioneira e fez escola durante o seu tempo. Com efeito, após a tese de doutoramento publicada em 1964, seguiram-se: LE PROBLÈME DE L’ORIGINE DE L’ÂME DE LA PATRISTIQUE À LA SOLUTION THOMISTE (Leuven, 1964), L’INTÉRÊT PHILOSOPHIQUE DE DEUX

COMMENTAIRES INÉDITS SUR LE 'DE ANIMALIBUS'
ET LE PROBLÈME DE LEUR ATTRIBUTION À PETRUS HISPANUS
PORTUGALENSIS (Milano, 1966), PARA SITUAR PEDRO
HISPANO PORTUGALENSE NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA
(Braga, 1968), A OBRA FILOSÓFICA DE PEDRO HISPANO
PORTUGALENSE. NOVOS PROBLEMAS TEXTUAIS (Coimbra,
1972), LES 'QUAESTIONES LIBRI DE ANIMA' DE PETRUS
HISPANUS PORTUGALENSIS D'APRÈS LE CODEX 726
DE LA BIBLIOTEKA UNIWERSYTETU JAGIELLONSKIEGO
DE KRAKÓW ET LE CODEX LAT. Z. 253 DE LA BIBLIOTECA
NAZIONALE DE VENEZIA (Varsóvia, 1974), UN NOUVEAU
MANUSCRIPT DÈS 'QUAESTIONES LIBRI DE ANIMA' DE PETRUS
HISPANUS PORTUGALENSIS (Leuven, 1976), A PROPOS D'UN
CENTENAIRE. UNE NOUVELLE MONOGRAPHIE SUR PETRUS
HISPANUS PORTUGALENSIS, LE PAPE JEAN XXI (+1277)
EST-ELLE NÉCESSAIRE? (Leuven, 1977), NOUVEAUX
PROBLÈMES TEXTUELS DE L'OEUVRE PHILOSOPHIQUE DE PETRUS
HISPANUS PORTUGALENSIS (Madrid, 1979),
QUELQUES PROBLÈMES SUR LA VOIX ET LA SIGNIFICATION
DANS LE COMMENTAIRE INÉDIT DE PETRUS HISPANUS
PORTUGALENSIS SUR LE 'DE ANIMALIBUS' (Berlin, 1981),
PEDRO HISPANO PORTUGALENSE (O PAPA JOÃO XXI),

COMENTADOR DE ARISTÓTELES NO SÉCULO XIII (Rio de Janeiro, 1984), ON SOME WORKS ATTRIBUTED IN ERROR TO PETRUS HISPANUS PORTUGALENSIS (Helsínquia, 1990) e QUESTÕES PENDENTES ACERCA DE PEDRO HISPANO PORTUGALENSE (FILÓSOFO, MÉDICO E PAPA JOÃO XXI (Braga, 1990). Como não pudemos ser exaustivos, convidamos o leitor desta nota a completar as informações bibliográficas consultando a “Bibliografia” que, juntamente com José Meirinhos, publicámos em QVODLIBETARIA (Porto, 1995, pp. 29-50). Mais recentemente, José Maria da Cruz Pontes voltou à sua outra paixão, organizando e anotando a CORRESPONDÊNCIA DE TRINDADE COELHO PARA ANTÓNIO CORRÊA D’OLIVEIRA (Coimbra, 2012); veja-se breve reportagem em: <https://minervacoimbra.blogspot.com/2012/04/jose-maria-da-cruz-pontes-e.html>

APRECIÇÃO CRÍTICA

Muitas gerações de alunos e alunas, nas várias áreas científicas da Faculdade de Letras, nos deram notícia do rigor que o Doutor Cruz Pontes punha no seu ensino e da minúcia com que examinava os seus alunos. Na sua permanente opção por um ensino claro, preciso e coerente, aliado a uma incontestável preocupação com a aprendizagem e, obviamente, na parte da sua biografia lovaniense, encontra-se talvez a razão pela qual entre os historiadores da filosofia medieval mais renomados, a opção do professor em dar ao público leitor português uma monografia histórica de referência tenha caído sobre os resumos de F. Van Steenberghen (em detrimento da obra mais vasta desse historiador belga). Acresce, decerto também, a inclinação mais culturalista e positivista do professor de Coimbra em detrimento da via hermenêutica e especulativa. Tanto quanto a vivencial preocupação com os seus alunos e alunas, o humanismo real deste professor é também outra das qualidades habitualmente ressaltadas com unanimidade. Tal como quisemos bem

frisar acima, a obra histórico-filosófica de José Maria de Cruz Pontes gravitou em duas grandes áreas. Deixando aqui mais de lado (talvez injustamente) a sua produção no campo da cultura portuguesa – cujos contributos globais ou parciais aguardam ainda o merecido sopesamento –, sobressai, como se tem vindo a indicar, a pesquisa realizada sobre Pedro Hispano “Portugalense”, tal como, em consequência da mesma, se passou a designar esta ainda enigmática e problemática figura do século XIII. A situação atual das investigações sobre Pedro Hispano Portugalense está longe de estar encerrada, como o testemunha de maneira eloquente o trabalho que, ainda hoje, aquele que é entre nós agora o maior conhecedor da obra de Hispano, José Francisco Meirinhos, dirige na Faculdade de Letras do Porto. Contudo, não hesitamos em dizer que o rigor que o Doutor Cruz Pontes pôs em tudo quanto escreveu sobre o filósofo português (ou os abundantes criptónimos) e o espírito atento e crítico no tocante à identificação dessa figura repercute-se e reflete-se ainda em muito do que a equipa do Porto está levando a cabo.

Talvez seja esta a melhor apreciação sobre o legado de um investigador, o facto de, por ter saído do quantas vezes inevitável enclausuramento da sua escola original, se lhe poder continuar a reconhecer o traço no que está por vir. De igual modo tivemos oportunidade de deixar evidenciado acima como a obra histórico-filosófica de Cruz Pontes conheceu uma real dimensão filosófica internacional, sobretudo propulsada pelo facto de o professor ter sido, desde muito cedo, membro efetivo da “Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale” (SIEPM)

Deste ponto de vista, pode seguramente dizer-se que, tal como é impossível recensar-se a mais relevante contribuição historiográfica europeia sobre Sócrates, sem tomar em consideração o trabalho de Vasco de Magalhães-Vilhena, também o será sobre Pedro Hispano, sem se mencionar os trabalhos publicados por José Maria da Cruz Pontes. Por razões biográficas óbvias, a aplicação universitária do catolicismo de Cruz Pontes é mais devedora da AETERNI PATRIS de Leão XIII (1879), do que da VERITATIS SPLENDOR de João Paulo II (1993), pontífice, este último, que, aliás, o Doutor Cruz Pontes

muito admirou. Não obstante, é patente como, nas suas matérias, e bem assim nas várias reedições da sua Antologia (tenham sido as edições publicadas, tenham sido as impressões “ad usum scholarum”), o espaço concedido à Patrística sempre sobressaiu em detrimento da atenção letiva dada ao pensamento de São Tomás de Aquino.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

- Barbosa, João Morais. “Pontes (José Maria da Cruz)” in LOGOS ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE FILOSOFIA, vol. 4, Lisboa, 1992, 340-42.
- Carvalho, Mário Santiago de. «De um tom de modéstia a adoptar para já em Filosofia. Sobre os cem anos de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra», REVISTA FILOSÓFICA DE COIMBRA 20 (2011) 451-484.
- Morujão, Alexandre Fradique. “Meio século de Filosofia na Faculdade de Letras de Coimbra (1945-1995)”, REVISTA PORTUGUESA DE FILOSOFIA 51 (1995) 244-247.
- QVODLIBETARIA. MISCELLANEA STUDIORUM IN HONOREM PROF. J. M. DA CRUZ PONTES ANNO IUBILATIONIS SVAE OFFERTAE. CONIMBRIGAE MCMXCV. Cura Marii A. Santiago de Carvalho, iuvamen praestante Josephi Francisco Meirinhos. (Mediaevalia. Textos e Estudos, 7-8), Porto, 1995; agora in: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/mediaevalia/article/view/879>